

Jaime Cortesão (1884-1960)

*Lucia Maria Paschoal Guimarães**

Vulto dos mais representativos da cultura portuguesa no século XX, Jaime Zuzarte Cortesão nasceu a 29 de Abril de 1884, na freguesia de Ançã, município de Cantanhede. Médico de formação, *poeta de estilo e de temperamento*, dedicou-se ao magistério, à política e à pesquisa histórica. Ainda estudante, ao lado de Leonardo Coimbra, Cláudio Basto e Álvaro Pinto, lançou em 1907, no Porto, a revista *Nova Síntese*, de tendência anarquista e anticlerical. Aderiu ao Partido Republicano, e chegou a ser detido, na madrugada de 4 para 5 de Outubro de 1910, quando eclodiu a revolução que derrubou a monarquia em Portugal.

Libertado da prisão, após a vitória dos republicanos, engajou-se na luta pelo fortalecimento do regime recém instaurado. Tomou diversas iniciativas de carácter cultural, em prol da garantia das liberdades individuais, da democratização da sociedade e do cultivo dos sentimentos nacionalistas. Junto com Teixeira de Pascoaes criou a revista *A Águia*, em torno da qual, mais tarde, reuniu-se um grupo de intelectuais de Coimbra, dando origem à *Renascença Portuguesa*, movimento que Cortesão definiu como *uma espécie de maçonaria dos artistas e intelectuais portugueses para se imporem e criarem uma grande corrente a seu favor e mesmo para dar uma direção nova à sociedade portuguesa*. Para levar avante este projeto, postulava a consecução de um programa de ação cívica, pedagógica e social. Empenhou-se na criação de Universidades Populares, na oferta de

* Doutora em História Social pela USP. Professora Titular da UERJ. Sócia Honorária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O verbete Jaime Cortesão, escrito para a Revista *Convergência Lusíada*, é tributário das atividades de pesquisa realizadas junto à Cátedra Jaime Cortesão (IFLCH/USP), em estágio de Pós-Doutorado no período agosto de 2005/ janeiro de 2006.

curso, de conferências e de palestras, bem como na edição de livros e periódicos, a exemplo do boletim *A Vida Portuguesa*, publicado sob a sua direção no Porto, a partir 1912.

Elegeram-se deputado (1915-1917) e defendeu a intervenção de Portugal na Primeira Guerra Mundial, ao lado da Inglaterra. Coerente com as idéias que apregoava, alistou-se no Corpo Expedicionário Português, no posto de capitão médico. Herói de guerra, atuou na campanha de Flandres, sofrendo grave ferimento em combate. Suas experiências nos campos de batalha encontram-se registradas no livro *Memórias da Grande Guerra* (1919).

Entre 1919 e 1927, dirigiu a Biblioteca Nacional de Lisboa, período em que também realizou sua primeira viagem ao Brasil, membro da comitiva do presidente de Portugal, António José de Almeida, que veio assistir às festividades do centenário da independência. Nessa mesma época, adquiriu renome como historiador, devido ao capítulo que assinou sobre os descobrimentos portugueses na coletânea *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (1922-1924), organizada por Carlos Malheiro Dias, em comemoração àquela efeméride.

Mas o talento do intelectual erudito não conseguiu sobrepor-se à vocação de republicano austero e praticante das virtudes democráticas. Cortesão afastou-se da *Renascença Portuguesa* em 1921, e liderou um novo movimento de caráter político-cultural, junto com António Sérgio e Raul Proença, a propósito de promover a *união cívica para a reforma nacional*. Fundaram, então, a revista *Seara Nova*, considerada naquela época o principal veículo de divulgação da extrema-esquerda da República radical.

Ainda ocupava a função de diretor da Biblioteca Nacional quando decidiu apoiar a insurreição de 3 de fevereiro de 1927, por não compactuar com a ordem imposta pela ditadura militar, que ascendeu ao poder em 1926. Com a derrota do movimento rebelde, perdeu o cargo e buscou exílio no estrangeiro. Circulou por diversos países e se fixou na França, onde ajudou a organizar a *Liga da Defesa da República* ou *Liga de Paris*, principal núcleo de oposição ao governo

de Lisboa, e mais tarde do regime autoritário liderado por Antonio de Oliveira Salazar. Porém, em 1940, quando o exército alemão iniciou a invasão da França, decidiu retornar à sua terra natal. Mal se instalou em Lisboa, recebeu ordem de prisão, sendo pouco depois deportado para o Brasil.

Jaime Cortesão residiu no Rio de Janeiro por cerca de 17 anos. Integrou-se à sociedade carioca e costumava dizer que fora recebido *não como hóspede ilustre, mas como fraterno trabalhador*. Participou do Real Gabinete Português de Leitura, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, colaborou na imprensa e desenvolveu intensa atividade de pesquisador, tanto no Ministério das Relações Exteriores, quanto na Biblioteca Nacional. No âmbito da chancelaria brasileira, realizou amplas investigações a respeito da obra de Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid, que deram origem a uma coleção de 7 volumes, editada entre 1952-1956, pelo Instituto Rio Branco. Ministrou diversos cursos freqüentados por diplomatas, militares e funcionários públicos, direcionados para o estudo da história da cartografia no Brasil e da história da formação territorial brasileira. Este último, por sinal, teve seus conteúdos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, na série de 64 artigos, intitulada *Introdução à história das bandeiras* (1947-1949). É bem verdade que algumas das teses que sustentava sobre a expansão bandeirante mereceram a crítica de Sérgio Buarque de Holanda, com quem travou instigante debate nas páginas do *Diário de Notícias*, em 1952.

Na Biblioteca Nacional, dentre outros encargos, assumiu a gigantesca tarefa de ordenar e editar a coleção de documentos que Pedro de Angelis vendera ao imperador d. Pedro II, cuja extensão era praticamente desconhecida. Outro trabalho que também gerou divergências. Desta feita, as farpas seriam trocadas com José Honório Rodrigues, então diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, que discordava dos métodos utilizados pelo historiador luso para a classificação daquelas fontes.

Seja como for, as polêmicas acadêmicas nem de longe afetaram o prestígio que Cortesão desfrutava na pátria de adoção.

Tanto assim, que em 1954 foi convidado e aceitou organizar a Exposição Histórica do IV Centenário da Cidade de São Paulo, evento cujo sucesso lhe rendeu o título de cidadão honorário de São Paulo. Aliás, ele ainda receberia mais um tributo dos paulistas. Em 1991, tomou o nome de Cátedra Jaime Cortesão, o núcleo de estudos interdisciplinares, voltado para a pesquisa e divulgação da História de Portugal e do Mundo de Colonização e Língua Portuguesa, criado na Universidade de São Paulo, por força de convênio firmado entre essa instituição e o governo de Portugal. A sugestão da homenagem, por sinal, partiu do seu conterrâneo Joaquim Barradas de Carvalho, que ali exerceu o magistério, quando também cumpria uma temporada de exílio no Brasil.

Em 1957, regressou definitivamente à sua pátria. Aclamado presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, logo voltou à militância política. Reintegrou-se nas lutas contra a ditadura salazarista e lançou um virulento manifesto em favor da realização de eleições livres para a presidência da República, o que lhe valeu mais uma detenção. Preso aos setenta e quatro anos de idade no Forte de Caxias, juntamente com António Sérgio, Vieira de Almeida e Azevedo Gomes, ganhou a liberdade depois de uma forte campanha de protesto, movida por grande parte da imprensa brasileira, e da intervenção pontual do embaixador Álvaro Lins, nosso representante em Lisboa. A esta altura, já desempenhava o papel de mentor intelectual e moral da oposição portuguesa, sendo cogitado para se candidatar à presidência da República, honra da qual declinou. Dedicou os últimos anos de vida aos trabalhos históricos. Faleceu em Lisboa, a 14 de Agosto de 1960.

Jaime Cortesão deixou vasta e variada bibliografia, entre obras de literatura (poesia, conto, e drama), e de história (portuguesa e brasileira). Poeta festejado por Fernando Pessoa, hoje em dia ele é mais conhecido pelas suas contribuições à historiografia luso-brasileira. Participou de diversas obras coletivas (*História da Colonização Portuguesa do Brasil*, *História de Portugal*, organizada por Damiano Peres, *História do Regime Republicano em Portugal*, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*). Publicou excelente edição crítica da

Carta de Pero Vaz de Caminha e assinou diversos livros e estudos documentais, fruto das suas pesquisas no Brasil. ●fereceu um novo encaminhamento ao estudo dos descobrimentos, uma vez que procurou examiná-los à luz de fatores conjunturais. Para além disso, soube compreender o império ultramarino português na sua totalidade, e *desvendar os fios que o prendem ao que se desenrola nos quatro continentes e nos três oceanos*, conforme as palavras de Vitorino Magalhães Godinho.

Na acidentada história de vida de Jaime Cortesão, coexistiram o poeta e o militante político, o nacionalista patriota e o cidadão do mundo, o historiador erudito e o educador popular. Talvez, a melhor síntese desse intelectual deva ser atribuída ao seu genro, o poeta mineiro Murilo Mendes, que no livro *Janelas Verdes* assim o definiu: *uma pessoa poliédrica, um cristão laico da linhagem dos livres e inconformistas*.

Bibliografia ativa¹

CORTESÃO, J., *Obras completas de Jaime Cortesão*. 2ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1983-6.

_____. *Relações entre a geografia e a história do Brasil*. Lisboa: Ática, 1940.

_____. *A carta de Pero Vaz de Caminha com um estudo de Jaime Cortesão*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943.

_____. *Cabral e as origens: ensaios de topografia histórica*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1944.

_____. *A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955.

_____. *Pauliceae lusitana monumenta histórica*, organizada e prefaciada por Jaime Cortesão. Lisboa: [s.n.]: Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1956-1961.

_____. *Raposo Tavares e a formação territorial da Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Serviço de Documentação, 1958.

_____. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores: Instituto Rio Branco, 1965-1971.

- _____. “Introdução à história das bandeiras”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 274: 221-131, jan./mar., 1967.
- BRASIL, Biblioteca Nacional. *Coleção De Angelis. Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.
- _____. *Coleção De Angelis. Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)*. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.
- _____. *Coleção De Angelis. Tratado de Madri: antecedentes, colônia do Sacramento (1669-1749)*. Introdução, notas e sumários por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1954.
- _____. *Coleção De Angelis. Jesuítas e bandeirantes no Tape (1615-1641)*. Introdução e notas de Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.
- _____. *Coleção De Angelis. Do tratado de Madri à conquista dos Sete Povos (1750-1802)*. Introdução, notas e sumário de Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

Bibliografia passiva

- ADONIAS, Isa, *Jaime Cortesão e seus mapas. Instrumentos didáticos para a história da cartografia no Brasil*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984.
- FRANCHETTI, Paulo, “Amar e servir o Brasil é uma das melhores formas de ser português: uma apresentação de Jaime Cortesão”. In: LEMOS, Fernando & LEITE, Moreira Rui (orgs.), *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo: Ed. UNESP; Bauru: EDUSC, 2003, p.111-115.
- LEONZO, Nanci, “Jaime Cortesão: um condestável em terras brasileiras”. *Revista da Cátedra Jaime Cortesão*, São Paulo, 1 (1): 35-43, 1997.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira, *Jaime Cortesão e as raízes do Brasil*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: 248:109-112, jul./set., 1960.

Nota

¹ Apesar de integrarem as *Obras completas...*, decidimos discriminar os títulos publicados no Brasil, de modo a enfatizar a contribuição de Jaime Cortesão à historiografia brasileira, bem como seus trabalhos editados sob a chancela da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.